

ECONOMIA

Como a GUERRA
gera nova Moeda

PÓS CRISE

Usinas propõem
BIOCOMBUSTÍVEL

BICENTENÁRIO

Um outro olhar da
INDEPENDÊNCIA



revistanordeste.com.br

NORDESTE



ANO 15 - NÚMERO 182 - R\$ 22,00

**Movimento em favor da
nova fase dos 9 estados
projeta Seminário
sob coordenação do
Fórum Celso Furtado
para apontar soluções
exequíveis**

A HORA DE PREPARAR O FUTURO



Entrevista

A REALIDADE DA PROPAGANDA BRASILEIRA

CENP vai colocar o tema das BVS em pauta, diz Dudu Godoy



Política

“O NORDESTE COMO PRIORIDADE DO DESENVOLVIMENTO NACIONAL”

Em pleno 2022, Seminário idealizado aponta caminhos e alternativas da nova fase dos 9 estados



Economia

22. EFEITOS DA GUERRA NAS MOEDAS

Mais fortes Sanções à Rússia e as pressões junto à China geram indagações sobre Dólar

AINDA OS EFEITOS DA GUERRA

Saiba mais do Nordeste e a consolidação do biogás e biometano no Brasil



28. NÚMEROS E EFEITOS NA ECONOMIA

Agroindústria da cana-de-açúcar na Paraíba movimenta cerca de R\$ 2 bilhões e gera mais de 19 mil empregos formais

31. TRABALHADORES DO CORTE DE CANA NA PARAÍBA RECEBEM GRATIFICAÇÃO ADICIONAL PELO PREÇO DO ETANOL

Já foram pagos cerca de R\$ 6 milhões em gratificações aos trabalhadores

EFEITOS DA CRISE GLOBAL

Análise Ceplan 2022 avalia cenário mundial, aponta perspectivas para o Brasil e potenciais de Pernambuco na economia de baixo carbono



Cultura

BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

O Brasil visto de fora - Grandiosidade, Ciência e Cultura



Saúde

MUDANÇAS NA ÁREA DE SAÚDE

Faculdade de Ciências Médicas em Cabedelo anuncia inovações, em especial a implantação de simuladores na saúde



Meio ambiente

A CONTRAMÃO AMBIENTAL DO BRASIL

Desmatamento na Amazônia cresce quase 70% e atinge pior fevereiro em 15 anos.



Colunas

- 6. Leitor
- 11. Opinião Adary Oliveira



O Nordeste como abrigo de base sucroalcooleira para gerar combustível sem poluições comuns no petróleo

O mundo acompanha com apreensão os efeitos da grave guerra da Rússia e Ucrânia afetando diversos e importantes segmentos, como o de energia, a partir da riqueza e potencial da região em conflito para abastecer a Europa, por exemplo, mas já afetando o mundo de uma forma geral.

Há, como consequência, a disparada do barril de petróleo e mesmo que países importantes do Ocidente tentem falar em atenuação com medidas paliativas não conseguem impedir efeitos muito danosos na globo esfera.

À rigor, a crise prevista no que se denomina combustível fóssil também na pauta dos países para redução dos efeitos dos gases, bem poderia servir de base e argumento para o biocombustível produzido pelo setor sucroalcooleiro do Brasil entrar na pauta prioridade visando contribuir com a nova realidade ambiental.

Só que a indústria internacional petrolífera com seu poder financeiro de bancar lobistas no Congresso Nacional não permite, vide a bancada da Petrobras, a que parlamentares pautem e aprovem esta alternativa que faz mais uma vez o Nordeste respirar o Incremento e contribuição com a nova realidade.

Esta, sem dúvidas, é uma pauta muito importante a merecer apoio da sociedade de uma forma geral para que o Etanol, o biocombustível, possa estar presente nos ajustes energéticos de que os consumidores tanto precisam.

É uma luta difícil nas animadora e indispensável.

Walter Santos
PUBLISHER da Revista NORDESTE
ws@revistanordeste.com.br

PUBLISHER
Walter Santos

**EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA
E EDIÇÃO DE IMAGENS**
Luciano Pereira

IMAGENS DA CAPA
Vetores: Freepik.com

ASSINATURAS
(83) 99981 3462
Segunda a sexta, das 8 às 18 horas
www.revistanordeste.com.br/assinatura

CARTAS PARA REDAÇÃO
jornalismo@revistanordeste.com.br

PARA ANUNCIAR
Ligue: (83) 99981 3462
ws@revistanordeste.com.br

**DIGICULT CONSULTORIA
E COMUNICAÇÃO EIRELI**
Rua Guibaldo Menezes, 315, Bairro: IPES
Cep 58.028-450 / João Pessoa - PB
Fone: (83) 99981 3462

IMPRESSÃO
Gráfica JB - Av. Mons. Walfredo Leal, 681 - Tambiã
João Pessoa / PB - Fone: (83) 3015-7200

DISTRIBUIÇÃO
Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos



Sugestões de pauta ou matérias
podem ser enviadas para:
jornalismo@revistanordeste.com.br
Agradecemos a sua participação.

NORDESTE On-line
Facebook: Revista Nordeste
Twitter: @RevistaNordeste
jornalismo@revistanordeste.com.br
www.revistanordeste.com.br



Os textos opinativos são de inteira
responsabilidade dos colaboradores e
não refletem a visão da linha editorial da
Revista NORDESTE

Leitor

Houve um tempo em que a luta era por um nordeste independente. Hoje, a ideia soaria como um retrocesso sem precedentes na história do Brasil. Não somente porque pequena as suas fronteiras e limites, mas principalmente porque relativiza a sua importância no contexto político e social do país. De tradição e viés socialista, o Nordeste - apesar de ter sido berço de grandes caciques de direita como Sarney e ACM - sempre soube se contrapor ao atraso contribuindo sobremodo para a democratização do Brasil. Isso se tornou ainda mais evidente com a nova geração de governadores que chegou ao poder, trazendo em seu bojo iniciativas bem sucedidas de cooperativismo como o Consórcio Nordeste. Fundamental no enfrentamento da pandemia, a união de forças é o retrato fiel da região que experimenta índices cada vez maiores de desenvolvimento. Com um pé nas artes e na cultura em geral, esse nordeste de milagres e milagheiros é também o berço da informação. Nasceu aqui o rei do Brasil e o patrono de sua imprensa. Não adianta ter apenas a história. É preciso saber contá-la e, nesse particular, o jornalista Walter Santos vem conseguindo fazer a sua parte, de porta voz e colaborador de todo esse processo federativo com a sua revista Nordeste de múltiplas plataformas. Uma luta quixotesca, é certo, mas também determinante na divulgação de informações fora do padrão normal de mídia. E isso precisa ser lido e respeitado em cada nova edição da revista. Melhor ainda. Precisa ser pensado e reconhecido. Que no metaverso e universo particular de Padre Cicero e Frei Damião, temos a nossa Bíblia. O nosso manual de sobrevivência. É viver e não ter a vergonha de ser feliz.

ALBERTO ARCEL
Publicitário, produtor e escritor
João Pessoa / PB

Prezado Aloisio Sotero.
Bom encontrá-lo na capa da dinâmica Revista NORDESTE, do antenado editor Walter Santos. Em especial, pelo destaque de sua entrevista de pioneiro "deliverado" comprovando domínio no assunto, robustecido por exemplos práticos de costumaz usuario: em aprendizagem, negócios, vinhos, mídia e tantas outras aplicações; quando esteve próximo dos pioneiros ou mesmo protagonista do processo no Brasil e além mar Itália, Portugal, USA. Além de convergência de ideias, vamos seguir seu exemplo e "deliverar" para que amigos e colegas repliquem sua boa prática. Abraço covirtual.

MARCOS FORMIGA
Professor e economista / Brasília / DF

Continuamos considerando importante a área de Pautas da NORDESTE reparar o tratamento do futebol nordestino com diversos clubes tendo desempenho a merecer abordagem pela relevância da publicação.

RAFAEL GOMES BRASEIRO
Engenheiro / Fortaleza / CE



Capa da Edição 181/Fevereiro

Cuidado que não cabe em uma página.

O jeito de cuidar Unimed JP é grande.

Grande no compromisso de ser a maior e melhor rede credenciada da Paraíba. Grande na certeza de ter a mais completa rede própria, com um hospital referência em alta complexidade, um hospital pediátrico exclusivo e um espaço de reabilitação e bem-estar com mais de 3,5 metros quadrados. E ainda maior no propósito de promover a vida, cuidando da saúde das pessoas. Mas só falar não basta. Quem tem uma grande história, também tem muito pra mostrar.

CUIDAR DE VOCÊ. ESSE É O PLANO.



Responsável técnico:
Dr. Fulvio Soares Petrucci
CRM - PB 5167

EFEITOS DA GUERRA NAS MOEDAS

Mais fortes Sanções à Rússia e as pressões junto à China geram indagações sobre modelos financeiros alternativos ao Dólar. Rússia e China já dispõem de sistemas próprios, mas os EUA se mantêm no comando do mundo financeiro

Por **WALTER SANTOS**



O mundo convive com os efeitos da mais estrondosa Guerra da Ucrânia puxada pela Rússia com milhões de refugiados e muitos mortos afetando fortemente o futuro das economias, mas sobretudo gerando impactos no sistema financeiro global, como analisa o Expert Edemilson Paraná projetando muitas interrogações acerca das imensas repercussões na nova ordem global.

Revista NORDESTE - A guerra da Rússia com a Ucrânia gerou sanções em nível nunca imaginado ao país russo e aliados, afetando drasticamente o sistema financeiro dos países punidos. Na sua opinião, como eles - Rússia e aliados - vão sobreviver?

Edemilson Paraná: Aprenderemos sobre isso com o desenrolar da própria situação. É algo imprevisível. E não apenas porque a intensidade, ve-

locidade e modo de aplicação dessas medidas talvez não tenha precedentes na história recente do capitalismo, mas porque a própria natureza da economia global contemporânea é, em si mesma, peculiar. Trata-se uma economia intensamente integrada, que opera por meio de cadeias globais de valor, com nexos estratégicos da produção, circulação e consumo espalhados pelo mundo, e fluxos financeiros interligados em tempo real. Isso claramente

impõe um dano econômico grave à Rússia e seus aliados, mas também pode abrir possibilidades ainda não conhecidas de reações e reconfigurações neste campo.

NORDESTE - Como especialista reconhecido, quais os efeitos da exclusão de 7 bancos russos do sistema financeiro internacional, o Swift, ainda com a União Europeia considerando excluir também as instituições financeiras de Belarus?

Edemilson Paraná: A exclusão do Swift atrasa e dificulta as transações com a Rússia, mas não as impedem. Então, sim, há um dano relevante, mas ele não pode se superestimado. Na prática, o que a exclusão força é que as instituições financeiras russas negociem diretamente, caso a caso, o sistema de pagamento alternativo a ser utilizado com o eventual parceiro comercial. Então os bancos russos podem, por exemplo, realizar pagamentos por meio do sistema de transferência de mensagens financeiras criado e mantido pelo Banco Central russo desde 2014, o SPFS, sistema, aliás, que já é utilizado atualmente por alguns bancos internacionais – como na Alemanha e na Suíça – que mantém relações com os bancos russos. Alternativamente, a Rússia pode usar também a rede CIPS, criada pelo Banco Central Chinês, para realizar pagamentos transfronteiriços em renminbi. E há ainda outros meios e sistemas alternativos. Então claro que a medida é muito impactante e produz danos bastante significativos, mas, apesar de dificultar, não impede ou inviabiliza as transações russas.

NORDESTE - Estrategicamente, ainda será possível e como excluir os países do sistema de pagamentos internacionais a fim de isolar as economias e instituições financeiras envolvidas na guerra na Ucrânia?



“A EXCLUSÃO DO SWIFT ATRASA E DIFICULTA AS TRANSAÇÕES RUSSAS... MAS ESTES USAM O SISTEMA PRÓPRIO SPFS...E RECORREM À REDE CIPS, DA CHINA”

Edemilson Paraná: A Rússia tem o segundo maior número de usuários do Swift, atrás apenas dos Estados Unidos. Cerca de 300 bancos russos estão no sistema de pagamentos e transferências internacionais. São as principais instituições financeiras do país. Então é claro que a força e importância dessa exclusão não é pequena. Mas como a imprensa internacional e o debate público tem ido na direção oposta, acho necessário temperar um pouco

a nossa compreensão sobre o tema, quanto à gravidade dessa desconexão. Veja, os pagamentos para exportadores de energia russos, como por exemplo a Gazprom – a maior companhia de energia russa – são, em si mesmos, já menos dependentes do Swift porque grande dos pagamentos de compras de petróleo e gás são efetuadas em dólares ou euros nas contas e instalações bancárias da própria empresa. Ainda assim, note, a União Europeia optou por não

excluir dois bancos russos do Swift: o Sberbank, maior credor da Rússia, e o Gazprombank; justamente os que garantem o pagamento de petróleo e gás natural que abastece principalmente Alemanha e Itália. Isso sem falar na possibilidade de triangulação de pagamentos se valendo da relação com outros países, algo que o Irã também faz. O Irã, aliás, é um caso interessante de observarmos. Claro que é uma economia menor, menos conectada globalmente e tudo mais, mas ainda assim trata-se de uma economia importante cujos bancos estão, desde 2012, desconectados do Swift, com ativos congelados nos EUA também, além de outras sanções a empresas e outros intermediários financeiros. Bem, isso não impediu o país de realizar pagamentos dentro e fora de seu território se utilizando de instituições financeiras de outros países dispostos a lucrar de algum modo com essas transações. Claro que isso não é fácil, há muitas e disputas, complicações, certamente, mas isso não impediu completamente o país de realizar seus pagamentos.

NORDESTE - Em 2015, em reunião dos BRICS em Fortaleza, no Brasil, os países membros decidiram criar uma Moeda para rivalizar com o Dólar, que puxa e comanda o maior sistema financeiro. Esta condição é valor utópico ou é perspectiva plausível no futuro do planeta? No que deu, antes, os BRICS criarem seu Fundo de Investimentos rivalizando com o FMI?

Edemilson Paranã: Ainda que isso não possa se desenvolver sem instar certas tensões e conflitos, a ideia de uma arquitetura financeira conjunta dos BRICS é bastante interessante e, no meu modo de ver, viável. No entanto, como é de se imaginar, trata-se de uma construção que, para caminhar, depende, em muitos aspectos, do estado das alianças e dos acordos desses países. Falo, por exemplo, dos apor-



tes no Banco de Desenvolvimento do grupo, da natureza de sua aplicação e composição de carteira, na ampliação ou não de seu raio de atuação etc. E isso tudo, evidentemente, é impactado pelos diversos desafios enfrentados seja pelos países individualmente seja pelo bloco em conjunto. Sabemos que, de 2014 para cá, esses países, particularmente a Rússia no campo externo e a África do Sul e o Brasil no campo, digamos, interno, vêm passando por instabilidade importantes. A Índia também não enfrenta questões simples e a China, bem, está envolvida numa escalada de tensões com os EUA e, nesse quadro, volta suas prioridades para a iniciativa Cinturão e Rota, para assegurar o avanço na Eurásia, para

seus investimentos na África etc. Isso tudo dificulta o desenrolar dessas ações conjuntas, não é um cenário fácil para avançar. Em qualquer caso, penso que podemos, sim, ver surgir cada vez mais ações que questionam a hegemonia que existe atualmente neste campo.

NORDESTE - Na sua opinião, o que as graves sanções motivaram entre Ocidente e Oriente em termos de convivências reais dos sistemas financeiros globais diante da força absoluta do SWIFT? Há alguma fragilidade em torno deste contexto?

Edemilson Paranã: Dada a importância deste aspecto, é inevitável, ao meu ver, que as grandes tensões geopolíticas se expressem também



na dimensão monetário-financeira. Na verdade, o sistema monetário-financeiro internacional, no seu estado atual, não pode ser lido separadamente das transformações nos arranjos de governança – política e econômica – global que emergiram do pós-guerra, suas crises e reconfigurações. Penso que a utilização do dinheiro mundial, o dólar, e do controle sobre os sistemas de transações financeiras e pagamentos globais como armas geopolíticas – pensemos na Venezuela, no Irã, na Rússia – revelam isso de maneira muito concreta. São um indício a um só tempo da força – dada sua capacidade de coerção abrangente e intensiva – e da fraqueza – porque releva tensões e fraturas importantes – da hegemonia atualmente existente neste campo.

NORDESTE - O predomínio dos EUA nesta esfera financeira demonstrado com a Guerra da Ucrânia deve estar motivando muitas indagações e reflexões no mundo, em especial na China e Rússia - esta última mais afetada - sobre o que fazer. E agora, quais os cenários possíveis de futuro? O Sr acredita na possibilidade de polarização de Moeda para enfrentar o dólar, como pensou os BRICS?

Edemilson Paranã: Não acho que isso esteja posto concretamente neste momento. Mas é certamente algo que se já não está, possivelmente estará – com ainda mais firmeza e decisão daqui para frente – no horizonte de qualquer país importante, que leve sua soberania econômica e monetária a sério; particularmente aqueles que, por qualquer razão, antevêm pontos de disputa e fricção com os interesses dos EUA e seus aliados.

NORDESTE - O fato é que o mundo já convive com criptomoedas e/ou valores e sistemas digitais em ascensão. Onde esse componente afetará o futuro do sistema financeiro global?

Edemilson Paranã: A digitalização das finanças, em geral, e a difusão de inovações tecnológicas no campo das transações monetárias e financeiras, em particular, vieram para ficar. Quanto a isso, não há muita disputa. A questão é como e em que direção isso vai se desenvolver e, em seguida, se estabilizar parcialmente, que configuração, em suma, isso vai assumir. Eu vejo duas tendências. A primeira é uma entrada cada vez maior de atores e empresas de fora do setor propriamente financeiro neste campo. A

segunda é uma ação mais ativa dos Estados, seja em termos de regulação, controle ou promoção nos seus próprios termos, neste processo. Isso, claro, tende a abrir todo um conjunto de novas disputas, sobretudo porque cada vez mais agentes se convencem de que essa é uma dimensão estratégica da reconfiguração econômica pela qual estamos passando.

NORDESTE - A China, em tese, se encaminha para liderar a economia global, mas conseguirá diante desta fragilidade, diante da fortaleza do SWIFT?

Edemilson Paranã: É uma pergunta que a China, muito cautelosamente, como lhe é de costume, tenta responder na prática, buscando promover ativamente a internacionalização de sua moeda e a difusão de sistemas de pagamento alternativos. É certo que, como em outras áreas, o país avança firmemente. No entanto, a hegemonia no campo monetário-financeiro ainda é amplamente estadunidense. Em termos de sua dominância global, esse é um dos campos em que a China se encontra ainda muito atrás dos EUA. 🇺🇸

Edemilson Paranã é professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará (UFC) e pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e tecnológico (CNPq). É professor do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFC e do Programa de Pós-graduação em Estudos Comparados sobre as Américas da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisa temas concernentes à relação entre finanças e tecnologia no capitalismo contemporâneo. Entre outros trabalhos é autor dos livros “A Finança Digitalizada: capitalismo financeiro e revolução informacional” (Insular, 2016) e “Bitcoin: a utopia tecnocrática do dinheiro apolítico” (Autonomia Literária, 2020).